

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

RUI DA COSTA SANHA

Projeto de pesquisa

DIÁLOGO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA NA  
PERSPECTIVA DE CALOS LOPES

Redenção – CE

Junho 2017

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

RUI DA COSTA SANHA

Projeto de pesquisa

DIÁLOGO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA NA  
PERSPECTIVA DE CALOS LOPES

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
Conclusão do Curso em Humanidades da  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-brasileira como parte das  
necessárias para obtenção do título de  
Bacharel Interdisciplinar em Humanidades.

Orientador: Professor Doutor Bas Ílele  
Malomalo

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Bas Ílele Malomalo (Orientador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho (Examinador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Pedro Leyva Acosta (Examinador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Redenção – CE -Junho 2017

## **RESUMO**

Este trabalho situa-se entre àqueles que investigam o pensamento social dos intelectuais africanos e elegeram o de Carlos Lopes. Nascido em Guiné-Bissau, é formado em Sociologia, História e Estudos de desenvolvimento. É o fundador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, tem uma longa trajetória na diplomacia e nos organismos da ONU, sendo, o ex-secretário executivo da Comissão Econômica para a África da ONU; e tem escrito vários artigos e livros sobre a cooperação internacional e desenvolvimento do seu continente. A nossa pesquisa visa analisar a cooperação Sul-Sul para o desenvolvimento entre Brasil-África; e compreender o pensamento do autor sobre a cooperação internacional entre Brasil-África e a possibilidade desta última se desenvolver. A sua metodologia baseia-se na pesquisa bibliográfica e documental: dados de revistas, jornais, vídeos e mídias sociais. O argumento defendido aqui é que a ideia força do pensamento de Carlos Lopes é que os países para se desenvolver precisam investir em suas capacidades individuais, institucionais, sociais, econômicas, ambientais, administrativas e de direitos humanos.

**Palavra chaves:** Cooperação; Desenvolvimento; África-Brasil; Carlos Lopes.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO/ 5

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA/ 06

QUESTÕES CENTRAIS DA PESQUISA/ 11

FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES/ 12

OBJETIVOS DA PESQUISA/ 12

REFERENCIAL TEÓRICO/ 12

CARLOS LOPES: VIDA, OBRA E ENGAJAMENTO POLÍTICO/ 12

PENSAMENTO DE CARLOS LOPES SOBRE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E O  
DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA/ 15

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO/ 21

CRONOGRAMA DE TRABALHO/ 22

REFERÊNCIAS/ 23

FONTES BIBLIOGRÁFICAS/ 23

FONTES DOCUMENTAIS/ 25

## **INTRODUÇÃO**

Em consideração a este tema, mergulho-me num campo acadêmico e científico que resulta de indagações e de procurar responder questões. Em 2015 tivemos debates teóricos importantes das Relações Internacionais, desde suas origens clássicas até as contemporâneas, mas decorreu a partir de uma disciplina no quarto trimestre, que é a Introdução às Relações Internacionais com o professor Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho, e nos colocou dos conceitos, estrutura e objetivo da disciplina. E debruçamos os aparatos das Relações Internacionais, com o desmembramento duas principais ideias como sistemas internacionais, atores e meios internacionais. Então, polemizamos do realismo, liberalismo e o marxismo, sua evolução e vertentes. E trazemos ainda, informações sobre as relações internacionais de Brasil e países africanos, considero tanto que, essa é um dos motivos que me levou a pensar as relações internacionais de ambos (Brasil-África) a partir deste tema. E depois fui convidado para participar num 'Projeto Brasil-África: Reflexões e estudos de casos sobre a cooperação internacional para o desenvolvimento' coordenado por professor Dr. Bas ílele Malomalo em nossa, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, que é o orientador deste trabalho. E a partir dessa, leva-me a uma dimensão tão grande e, é o que me induziu a escolher este tema.

No seio cooperação internacional, a cooperação sul-sul tem sido colocada como saída, em políticas como sendo mais deitada, e menos diferente e fundadas na solidariedade entre países em Desenvolvimento. E essa dimensão de política externa veio à tona, com o reforço da atuação internacional dos países. Um dos grandes desafios que existem ainda atualmente para a expansão de experiências de longo prazo entre os países. E com essas mudanças que vêm acontecendo nas relações internacionais desde então, principalmente acontecido nos fins da Guerra Fria e pelo aparecimento da globalização, "o estudo das Relações Internacionais, além de focalizar as interações entre estados nacionais, têm-se voltado também para a análise de diversos fenômenos recentes e complexos" (SARAIVA. CERVO. 2005. p. 41).

## **APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA**

Há muitos pensadores africanos e não africanos que se dedicaram a estudar o desenvolvimento de África por si mesmo e desta na sua relação com outros continentes ou países, no caso o Brasil.

Partindo disso, trouxemos o Joseph Ki-Zerbo (2001) que teve uma trajetória muito cedo para definir a si mesmo enquanto historiador engajado, de interesse profundo e constante pelos dois projetos que são a democracia e o desenvolvimento em África. A erudição de Joseph Ki-Zerbo demonstrou-se com a necessidade de proteger e de promover a dignidade africana com um engajamento intelectual e político para documentar e pôr em causa as histórias de provas diferentes. E fazia tudo simultaneamente às contribuições de África para a civilização humana e o que a África deveria fazer. E elenca essas questões como essenciais para o seu destino. E ele aconselhou em muitos aspectos, e praticou a documentação das regras culturais e das histórias pré-coloniais de África como imperativo categórico para conhecimento de si próprio, considerando em si própria e dignidades necessárias para se fundar o desenvolvimento africano a começar das necessidades africanas. Ainda Ki-Zerbo salienta que, o desenvolvimento endógeno necessita de uma pesquisa endógena que o nível referente a ela esteja livre das hipóteses básicas e que não levam em consideração as realidades e as experiências africanas. No processo de desenvolvimento de África, o Ki-Zerbo (2006) critica muito as iniciativas exógenas e a própria passividade dos africanos nesse andamento e apelaram inúmeras vezes para que os africanos tivessem um conhecimento de próprios.

E esse investimento no conhecimento de si próprio e no saber caminho alternativo tomando em conta as perspectiva africano poderia garantir que os africanos mudassem e se libertassem pouco a pouco da sua oposição incômodo em cima da “esteira dos outros” e deixando de defender um sistema educativo muitas vezes em desacordo com os seus próprios contextos culturais e as experiências vividas (KI-ZERBO, 2001).

As lições de Amílcar Cabral<sup>1</sup> nos mostra que tal formação tinha também uma grandeza econômica, focada no desenvolvimento da agricultura e calculada para melhorar as condições e a qualidade de vida, em especial da população rural majoritária (LOPES,

---

<sup>1</sup> Amílcar Cabral nasceu em 1921, em Bafatá, Guiné Bissau. Em 1944, durante a segunda Guerra Mundial, ele concluiu os estudos. Em 1945, conseguiu, com muita dificuldade, uma bolsa para seguir os estudos universitários em Lisboa. Além de estudante brilhante, era muitíssimo ativo no recém-criado movimento nacionalista pela libertação das colônias portuguesas. Tornou rapidamente um ponto de referência para o pequeno grupo de intelectuais africanos. Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral/Carlos Lopes (org.); [tradução Roberto Leal/Fundação Amílcar Cabral]. – São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

2012); de fato, a questão principalmente que Cabral levanta é saber se Estado independente, baseado no mesmo sistema de exploração econômica, como o Estado colonial, poderia satisfazer as necessidades básicas dos operários e dos camponeses. E a sua própria resposta a essa questão na negativa é consistente com a sua orientação prática para “destruir a economia do inimigo e construir a nossa própria economia” demonstra que, a política econômica do Estado africano deve responder às mais profundas aspirações do povo e não ao interesse das classes dominantes do sistema mundial.

Em um artigo publicado em 1985 na revista *West Africa*, (AKE, 2001. apud. LOPES, 2012, p. 118), pergunta: “Por que é que a África não está se desenvolvendo?” E ele foi responder em dupla questão. No entanto, a carência de desenvolvimento tem a ver com o ambiente interno em que o próprio Estado funcionava, certamente mais como um obstáculo ao desenvolvimento do que como uma agente de transformação econômica e social.

Mas tudo isso acontece porque, as instituições imparciais, em vez de servir o interesse geral, o Estado e os recursos sob o seu controle foram na maior parte das vezes privatizados pelos governantes e pela sua comitiva. E por outro lado, a falta de desenvolvimento é uma consequência das estratégias de desenvolvimento do Ocidente, cuja principal realização em sido inteirar cada vez mais os governantes africanos nas redes internacionais da riqueza e dos privilégios, em vez de promover a democracia (AKE, 2001. apud LOPES, 2012); se os africanos adotaram as estratégias e políticas de desenvolvimento concebidas em algum lugar em vez de desenvolver-nos próprios países alternas endurecido com o interesse do seu povo.

Dentro deste ao discutir o desenvolvimento a partir do continente Africano e na sua relação de cooperação internacional com o Brasil. Brasil e África fazem parte do que chamamos hoje cooperação Sul-Sul, e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) nos fornece dados precisos sobre a relação existente entre ambos. De uma forma geral, (IPEA, 2014) considera que enquanto a assistência para o desenvolvimento Norte-Sul é guiada pelo princípio filosófico da filantropia e do altruísmo, a Cooperação Sul-Sul é guiada pelo princípio dos benefícios mútuos. E, é o que nos leva em afirmar cooperação Brasil-África é como um dos essenciais para exploração dos recursos naturais e formação do bloco político e econômico no Atlântico Sul, e em termos de cooperação essa foi um dos focos principais das políticas externas do Brasil desde o governo Lula.

Conforme o Relatório do IPEA e Banco Mundial (2011) a África estabeleceu fortes contatos mais recentes com atores emergentes mais próximos como o Brasil. De uma forma

que ambos estão aproveitando dessas novas oportunidades. O conceito de parceria África-Brasil pode ser compreendido pela análise histórica. A aproximação entre ambos se deu pela escravidão e se desenrolou num âmbito atual das relações Sul-Sul.

Certo que é difícil se relatar da África no singular, porque, tudo isso se preservou numas enormes relações com o Brasil até a independência dos países da África, e nessa ocasião que começou um novo relacionamento entre o Brasil e alguns países africanos, inclusive, os da Lusofonia. De acordo com o Relatório de IPEA Banco Mundial (2001), o Brasil é uma das maiores economias do mundo, que chegou a um forte crescimento e vitalidade nas economias africanas, e essa amizade prosseguiu se muito, e essa vai além dos países da língua portuguesa da África, abrangendo nos comércios, nos investimentos e as transferências dos conhecimentos e economia.

Sabe-se que maioria dos países africanos está consolidando a sua democracia e organização política, ainda muito dos países africanos padecem e carece de meios de estabilização organização social dos países. A guerra pela independência que durou décadas ainda hoje se faz sentir em quase toda escala continental. Com características de país colonizado o Brasil é muito recente no contexto e desenvolvimento em relação aos países de “primeiro mundo”. Mas, o Brasil está tendo um crescimento rápido, e é bom de ponto de vista de crescimento econômico. A partir de governo Lula, o país deu início a um processo de reconstrução econômica e planejamento estratégia e recuperando os laços históricos e culturais com África. A cooperação Sul-Sul no seu percurso tem trabalhado muito no contexto de reaproximação e retoma de cooperação e relações estratégicas com a África. Este projeto quer estudar e compreender os mecanismos de diálogo estratégico e combinações que África em parceria com Brasil pode adotar como forma de desenvolvimento conjunto (IPEA, Banco Mundial, 2001).

O relatório de IPEA e Banco Mundial (2001) nos mostra que, o modelo tradicional Norte-Sul dá um progresso para o desenvolvimento de ambos (Brasil-África) num contexto alarmante e discutido desde a década de 1970, e cedeu lugar a arranjos alternativos de cooperação técnica e financeira entre os países em desenvolvimento. A partir do final século XX, a África se tornou um dos principais temas da agenda externa do Brasil. O Brasil tem demonstrado um interesse cada vez maior em apoiar e participar do desenvolvimento de um continente que se encontra em rápida transformação. E a partir de 1990, havia um reconhecimento amplo de que os modelos anteriores haviam fracassado em suas tentativas de promover o desenvolvimento e abordar as causas essenciais da pobreza. E os países em

desenvolvimento começaram a criar novos agrupamentos na busca por alternativa para aumentar o seu poder de barganha no novo século. O século XXI, se notarmos, é marcado pelo redescobrimto do continente africano e de grande atuação dos países emergentes, como a China, Índia e Brasil, em muitos países da região chama a atenção das tradicionais potências do Ocidente, com o ressurgimento da África na mídia internacional.

O dia 25 de maio de 2013 foi de festa na capital da Etiópia. Confluíram para Adis Abeba governantes e pensadores africanos de quase todos os países continentes. Dos novos governantes do norte africano da Primavera Árabe aos empresários e intelectuais da África Austral e das Américas, além de europeus e asiáticos, grande e diversa comunidade de interessados acompanharam debates e discursos acerca da nova África. Sob o brilho das independências, o projeto tinha por propósito romper o colonialismo e buscar a paz e o desenvolvimento. A nova África quer ser do mundo. A essa transformação se sugere o conceito de renascença africana. E seu alcance universal é a afirmação de uma visão global a partir da África. A África desenha uma mudança histórica. O século XXI se iniciou com mutações na base das sociedades, das economias e dos Estados africanos. Destacam-se as atuais formas de inserção internacional de seus Estados nacionais, bem como o envolvimento crescente de antigos e novos atores globais que participam, de forma interessada e crescente, da gestação do futuro da África (SARAIVA. 2015). A uma década de crescimento econômico (2003-2013) que vem sendo apresentada como a década da nova África. Adaptações macroeconômicas à globalização moveram as economias de todo o continente para equilíbrios na área da gestão dos negócios dos Estados.

As novas iniciativas próprias africanas para o desenvolvimento é a mais importante da primeira década do século XXI é a Nova Parceria para o Desenvolvimento Africano (NEPAD), lançada com entusiasmo em Abuja (Nigéria) , em outubro de 2001, em meio a declarações contundentes de Chefes de Estados e de governo de todo o continente, expõe convicções elevadas acerca do novo papel da África no início do século XXI (SARAIVA. 2012). Após a região ter sido praticamente excluída dos livros de Relações Internacionais e esquecida pelas grandes potências ocidentais, a África retoma seu espaço ao mostrar ao mundo o avanço gradual dos processos de democratização e o progresso das políticas de desenvolvimento econômico regional, sendo Moçambique destacado como um caso exemplar. As grandes potências emergentes da alta demanda de minérios e energia, em especial da China, transforma as relações dos países africanos com o Ocidente. A entrada do capital chinês na região tange com as políticas estabelecidas pelos tradicionais financiadores,

como Banco Mundial e FMI, ao criar uma nova dinâmica de financiamento que aceita o pagamento com recursos naturais, sem impor condicionantes institucionais.

O Relatório da IPEA e Banco Mundial (2011) mostra que, na última década, a África tornou-se um continente de vagas, com tendências econômicas positivas e uma melhor governança. O continente vem tornando-se descrito como a nova fronteira para os que procuram parcerias e mercados. O crescimento de alguns países africanos, sua resistência às crises globais recentes e a instalação de reformas de políticas que fortaleceram os mercados e a governança democrática vêm expandindo o comércio e o investimento na região.

Moore (2010) coloca a história do Brasil e do continente africano, destacando os elementos que podem servir a uma sólida cooperação no âmbito internacional entre os mesmos. Elenca a história de colonização e escravidão que tanto o Brasil e os países caribenhos latino-americanos, como a África, tiveram em comum, bem como os fundamentos de uma cooperação coerente, sólida e solidária entre os dois lados do Atlântico. O Brasil é um país forte, pujante, tecnologizado, cuja economia e indústria estão impulsionadas pelas multinacionais locais. Estas avançam agora pelo mundo em busca de lucro, de matérias-primas e expansão comercial.

A história do Atlântico Sul é processo de longa duração que vincula o Brasil a seus Vizinhos Ribeirinhos. Um único mundo, sem as divisões atuais do Atlântico Sul, compôs a era geológica africano-brasileira. Esse mar interior, quase mediterrâneo [...], é o lugar de trocas humanas, valores, comércio, cooperação social e política de novos atores, além da diplomacia das novas coalizões no sistema das relações internacionais do Sul. (SARAIVA, 2010, p. 13).

Mas tudo se modernizava o atlantismo brasileiro com agregação da África parceira no campo das demandas do desenvolvimento como veria na Política Externa Independente (PEI) dos chanceleres. A fórmula adotada por quadros foi sistematicamente desenvolvida nas mensagens políticas, econômicas e culturais do Brasil no seu relacionamento com a África (SARAIVA 2010, p. 18). Os interesses, no entanto, moveram-se em demasia para a dimensão mercantil do relacionamento. Portanto, o lugar da África para a política externa do Brasil foi, portanto, o de uma área de virtual interesse econômico e estratégico. E as perspectivas para o século que se abre estão em favor da África e reaviva o Brasil a chama de seu atlantismo em outras bases, mais modernas, mais cooperativas, mais alinhadas ao compromisso com o desenvolvimento comum das duas margens do Atlântico Sul.

As relações econômicas do Brasil com a África não eram novas, mas haviam sido insignificantes quando comparadas com as demais áreas de intercâmbios brasileiras. E a consideração do estado em desenvolver projetos econômicos para África ocupou papel central na ativação dos fluxos atlânticos. No início do século XXI, a África vem utilizando novos conceitos e por meio dos movimentos dinâmicos de sua política exterior e de uma pauta comercial de produtos diversificados e que evolui nas suas trocas internacionais e o Brasil tem aproveitado possibilidades na brecha africana, entre elas se destacam o desenvolvimento sustentável (SARAIVA. 2010).

Visentini (2014) destaca que, nas Relações Internacionais Contemporâneas o fato de a África haver-se tornado objeto de uma nova corrida mundial é um dos fenômenos nos finais do século XIX. Os protagonistas mais dinâmicos de tal movimento são as potências emergentes, todavia, no início do século XXI, e não as antigas metrópoles europeias. Tal processo se dá num quadro de desenvolvimento econômico-social e protagonismo diplomático da África, o que representou algo inesperado para muitos.

O Brasil, na década de ouro do crescimento econômico na África, a primeira década do século XXI, aumentou seu peso relativo no investimento, na presença comercial. Substituiu o período de silêncio nas relações do país com a África por um ciclo virtuoso de cooperação e projetos altruístas para com a outra margem do Atlântico sua. A mudança de rumo na dimensão dos dois países na inserção internacional apareceu nas iniciativas das três primeiras viagens do presidente Luiz Inácio da Silva em 2003 e 2004, a vários países da África Austral, central, atlântico e do norte. O Brasil, na década de ouro do crescimento econômico na África, não substituiu nenhum outro ator estatal internacional em seu peso relativo no investimento, na presença comercial nem no peso geoestratégico ou político no continente africano (SARAIVA 2010).

## **QUESTÕES CENTRAIS DA PESQUISA**

África é um dos mais pobres continentes do mundo, há vários fatores que explicam isso. Entre delas um atraso provocado pela colonização com a exploração, pilhagem e guerra colonial desenrolaram no continente africano e incluindo o Brasil. Estes fenômenos não permitiram uma organização social e econômica. Uma economia atrasada e uma população numerosa hoje se procuram os caminhos para Desenvolvimento. E quais são os fenômenos adotados entre Brasil-África para um Desenvolvimento pleno? E será esses fenômenos

adotados darão efeitos a o que dizemos hoje do Desenvolvimento? E quais são essas condições concretas das relações Brasil-África?

## **FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES**

A hipótese levantada relativamente a este tema, consideramos que Brasil-África como últimos a se desenvolver optaram em priorizar algumas áreas como uma alavanca ou como motor dessas mudanças fulcral. E ao saber que, a África tem um percurso nobre no processo do desenvolvimento, e ao buscar desvendar a sua própria história, e surgiu que, a busca a desvelar a evolução progressiva e singular das sociedades africanas baseia-se de si próprio. E supomos que, para se desenvolver a África é preciso à transformação de capacidades que deve se mover em três pilares importantes, a saber: individual, institucional e social; portanto, isso leva a um desencadeamento doméstico e expandindo a riqueza do conhecimento e das capacidades locais, para atingir os objetivos de um país (LOPES, 2005 apud MALOMALO, 2006). Considerando o cenário externa de Brasil-África, antes de tudo, requer uma abordagem compreensiva e articulada dos fenômenos econômicos, políticos, culturais e ambientais que acompanham a herança história, mas, ao decorrer de tempo ganharam notoriedade internacional por alcançarem metas de redução da pobreza. Assemelha-nos numa panorama teórico que, a parceria combinada emerge uma economia política e social, e induzindo meramente a um desenvolvimento que precisa de diferentes tipos de capacidades.

## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

Objetivo geral: Analisar a cooperação sul-sul para o desenvolvimento entre Brasil-África a partir do pensamento dos intelectuais africanos.

Objetivo específico: Compreender o pensamento de Carlos Lopes sobre a cooperação internacional entre Brasil-África e a possibilidade desta última se desenvolver.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Carlos Lopes: vida, obra e engajamento político**

Carlos Lopes, nascido a 07 de março de 1960, em Canchungo<sup>2</sup>, ao longo da sua carreira, Lopes foi responsável pela criação de diversas instituições e redes africanas,

---

<sup>2</sup> Carlos Lopes lidera lista de Personalidades que lutam pela Transformação Económica De África. OdemocrataGB. Publicado em: 24/12/2016. Disponível em: <http://www.odemocratagb.com/figura-da-semana-carlos-lopes-lidera-lista-de-personalidades-que-lutam-pela-transformação-económica-de-áfrica/>

incluindo o famoso instituto de pesquisa da Guiné-Bissau. Depois de ser funcionário público na Guiné Bissau, seu país de origem, dedicou-se ao ensino à pesquisa em várias universidades em Lisboa, São Paulo, México, Upsala e Zurique. Portanto, esse guineense de Canchungo é autor ou organizador de 20 livros, o primeiro dos quais sobre etnia, Estado e relações de poder na Guiné-Bissau, editado em francês, em 1982, quando tinha apenas 22 anos. Datam, porém, dos seus 19 e 20 anos os mais antigos dos vários trabalhos que reuniu para uma leitura sociológica da Guiné-Bissau, publicado em 1987; um volume de ensaios no qual se pode traçar a evolução do desconforto de um jovem sociólogo com os rumos que tomavam seu país natal, e África e o mundo, sem que o desencanto e o sentimento de falência expulsem de seu espírito a esperança. Doutor em História pela Universidade de Paris 01 Panthéon-Sorbonne (onde tinha já feito a licenciatura), mestre em Desenvolvimento Económico e Social em África pelo Instituto Graduação de Genebra de Estudos Internacionais e Desenvolvimento, recebeu também um Doutorado Honoris Causa em Ciências Sociais, da Universidade Cândido Mendes, do Rio de Janeiro.

Carlos Lopes tem dado um grande contributo para a pesquisa de temas na área do desenvolvimento, ajudando à criação de várias ONGs e centros de pesquisa social, particularmente em África, sendo também membro da Academia de Ciências de Lisboa. Com mais de 20 livros editados e cerca de 180 artigos académicos, além de fazer parte de comitês editoriais de várias revistas académicas, foi ainda o impulsor do primeiro “Relatório de Desenvolvimento Humano da África Austral”, que contou com um prefácio de Nelson Mandela. E, como professor, passou já por inúmeras universidades e instituições académicas de cidades como Lisboa, Coimbra, Zurique, Cidade do México, São Paulo e Rio de Janeiro<sup>3</sup>.

Carlos Lopes garante que a sua prioridade será transformar a CEA<sup>4</sup>, cuja vocação principal é apoiar as estratégias de desenvolvimento do continente, no maior núcleo dos pensadores de África. Ele que é o africano-lusófono que mais alto subiu na hierarquia da

---

<sup>3</sup> Carlos Lopes. *Unir nações, desenvolver África*. CEO – Lusófono. Decisores da Lusofonia em Diálogo para Ação. Publicado em: Agosto 25, 2014 at 02h02min PM. Disponível em: <http://ceolusofono.com/2014/08/25/perfil-carlos-lobes-unir-nações-desenvolver-áfrica/>

<sup>4</sup> Comunidade Económica Africana (sigla CEA) é uma organização de Estados da União Africana, que estabelece fundamentos para o desenvolvimento económico mútuo entre a maioria dos estados africanos. Os Estados-membros montam esforços para colaborar economicamente, mas é impedida por guerras civis em partes de África. Os objetivos da organização são: incluir a criação de zonas de comércio livre, uniões aduaneiras, de um mercado único, um banco central, uma moeda comum e, assim, estabelecer uma união económica e monetária. Disponível em: <http://dicionario.sensagent.com/comunidade%20econ%C3%B3mica%20africana/pt-pt/>

ONU e o primeiro a ocupar o cargo de SG-Adjunto e chefe da CEA; órgão que se dedica ao continente, com mais de 300 economistas entre os seus cerca de 800 funcionários. Ao longo da sua carreira, Lopes criou já várias instituições, incluindo o Famoso instituto de pesquisa da Guiné Bissau, destruído pela guerra de 1998; tido como um especialista em desenvolvimento institucional esteve sempre associado a grandes processos de reforma no sistema das Nações Unidas.

A carreira de Carlos Lopes nas Nações Unidas começou em 1988, já depois de uma passagem pelo Instituto Nórdico de Estudos Africano. Na altura, trabalhava no setor público no país natal, Guiné-Bissau, e integrou o Programa da ONU para o Desenvolvimento, PNUD, como economista de desenvolvimento. Dentro do PNUD, dirigiu um portfólio de projetos que ascendeu a mil milhões de dólares, tendo passado pelo Zimbabwe, Estados Unidos e Brasil, onde, em 2003, se tornou o Coordenador Residente da ONU e Representante Residente do PNUD, que tinha no país o maior programa mundial, na altura. Sob a liderança de Kofi Annan, foi Assistente do Secretário-geral e Diretor de Assuntos Políticos no Escritório Executivo do Secretário-Geral e, desde 2006, tem o nível de Subsecretário Geral da ONU. Em 2007, assumiu o cargo de diretor-executivo do Instituto de Formação e Pesquisa da ONU, Unitar, em Genebra, Suíça, e, no mesmo ano, já com Ban Ki-moon a liderar a ONU, tornou-se também Diretor do UN Staff College, localizado em Turim, Itália. Artífice da implantação dos sofisticados programas de Knowledge Systems do PNUD a nível mundial, liderou também a reflexão sobre reforço de capacidades, incluindo a co-organização do livro de referência “Capacity for Development”, que contou com a contribuição do Prémio Nobel da Economia Joseph Stiglitz. Durante mais de quatro anos dirigiu um portfólio de projetos do PNUD no valor de mil milhões de dólares. Recebeu vários prémios e reconhecimentos, incluindo duas comendas brasileiras (Cruzeiro do Sul e Mérito Cultural), e a nomeação vitalícia para a Academia de Ciências de Lisboa. O prestígio que alcançou leva a que seja muito solicitado para funções diretivas. E é organizador de vários fóruns de alto nível, nomeadamente os Encontros Mundiais de Genebra. É membro de instituições e redes africanas como o CODESRIA<sup>5</sup>, onde continua a trabalhar como membro do Comité Científico<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Conselho para o Desenvolvimento das Ciências Sociais em África – CODESRIA.

<sup>6</sup> Lopes, Carlos. Preside Comissão Económica das ONU para África. ASemana. Publicado em: 28 Março de 2012. Disponível em: <http://www.asemana.publ.cv/?Carlos-Lopes-preside-Comissao-Economica-das-ONU-para-Africa>.

## **Pensamento de Carlos Lopes sobre cooperação internacional e o desenvolvimento da África**

Baseando no tema de cooperação Brasil-África, obviamente que os conceitos desses pensamentos relativamente a este tema vão ser abordados por alguns intelectuais africanos em comparação com outros autores analistas têm apontado fatores relevantes da cooperação com benefícios mútuos, como Carlos Lopes a quem deve o seu conhecimento na busca de alternativa que agora nos defrontamos é o de transformar o nosso conhecimento em prática em prol do desenvolvimento; e inclusive Amartya Sen na sua análise restaura a dimensão ética e política de problemas econômicas cruciais e uma ideia radical ao desenvolvimento é essencialmente um processo de expansão das liberdades reais de que as pessoas desfrutam. Portanto, e vamos aproveitar também analisar o tema a partir de outros autores, como ambas (África-Brasil) podem assumir seu destino em suas próprias mãos e superar os impasses associados ao desenvolvimento.

O desenvolvimento propriamente dito vem sendo nos últimos anos debatido num contexto internacional. Portanto, introduzimos Carlos Lopes nesse panorama de pensar o desenvolvimento de uma forma estratégica e transformadora dos países menos desenvolvidos dos tais flagelos. Nesse processo de exame e reavaliação do que conhecemos sobre desenvolvimento num âmbito social e acadêmico que a essência para o desenvolvimento é compreendida como uma constante expansão das oportunidades individuais e das sociedades, destacando-se a defesa das liberdades de todos e de cada pessoa. Por conseguinte, a capacidade continua sendo uma das primordiais fontes de suporte ao desenvolvimento em vários países dos continentes e de modo que a transferência e a troca de conhecimento ainda são necessidades prementes do desenvolvimento (LOPES, 2005. SEN, 2010).

É nesse meio que se encontra a África e o Brasil. Portanto, podemos notar últimos relatórios de Banco Mundial, mostrando:

Para nós do Banco Mundial, este relatório é oportuno, porque surge logo após a recente aprovação da nova estratégia para a África, “O Futuro da África e o Apoio Prestado pelo Banco Mundial”. A nossa estratégia destaca a alavancagem de parcerias, conhecimento e finanças, em particular com países polos de crescimento como o Brasil. Consideramos que este relatório é crucial para o estabelecimento da base de conhecimento que possibilitará a nós, aos governos africanos e ao governo do Brasil continuar a forjar parcerias concretas que virão a gerar resultados em que todos são ganhadores nas duas regiões — em áreas como, por exemplo, proteção social, agricultura tropical, energia e bioenergia, educação técnica e medicina tropical. (IPEA e Banco Mundial. 2011 p. 07).

No decorrer do século XX, a África se passou a ser um dos essenciais temas da agenda externa do Brasil. Demonstrando que o Brasil tem interesse ainda maior em dar as mãos e presenciar no desenvolvimento do continente que se tem dado rápidas transformações.

Segundo Carlos Lopes (ONU, 2015)<sup>7</sup>, na sua entrevista mostrando no contexto atual do continente africano e também a qualidade do crescimento necessário, e essa terá um aumento de crescimento tão alto como o de asiático. E afirmando que, os africanos precisam tomar a consciência estratégica de desenvolvimento industrial e que só vão conseguir programar essa estratégia em pleno controle do seu financiamento. E ele teve outra uma entrevista em 2016, salientando que:

Quando eu iniciei as minhas funções nós demos uma prioridade absoluta ao que chamamos de estrutural com a introdução da política industrial como prioridade para o continente, mobilização de recursos domésticos através de um ataque cerrado às formas de tráfico ilícito de capitais, mas também, melhores negociações com as matérias-primas, com a exploração de extrativos e também uma tentativa de introduzir no debate africano outra forma de ver as questões meio ambientais, posicionando-as como prioridades ao invés de problemas. (ONU, 2016)<sup>8</sup>

Falando, disso significa que, a sofisticação maior do governo em relação aos seus recursos próprios e a capacidade, e existem ainda vários meios em ação de mudança. No seu sentido mais amplo, disse Lopes que:

O desenvolvimento de capacidades busca melhorar o desempenho de atividades relacionadas a um crescimento em todos os níveis da sociedade. Sua meta é ajudar países em desenvolvimento a alcançar seus próprios objetivos. [...] a construção de capacidade humana e institucional tem sido o objetivo do desenvolvimento há décadas [...] ao longo da década passada, o papel do desenvolvimento de capacidades sofreu um salto e passou de coadjuvante em atividades desenvolvimentista para o centro de sua agenda. (LOPES, 2005 p. 43-44)

Falando do Desenvolvimento como algo transformadora, segundo LOPES (2005) mostra que, isto significa fomentar processos domésticos, valendo-se da riqueza do

---

<sup>7</sup> LOPES Carlos: “A África é o continente que mais cresce”. “Todos os indicadores macroeconômicos estão do seu lado”: Publicado em - 04-24-2015. Por Dentro da África - Por dentro da África. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com>

<sup>8</sup> LOPES, Carlos, Carlos Lopes destaca industrialização africana como prioridade. By Rádio ONU-. Outubro 28, 2016. Disponível em: <http://www.unicentrofm.com.br/noticias/radio-onu/carlos-lopes-destaca-industrializacao-africana-como-prioridade> Acesso em: 09/05/016

conhecimento e das capacidades locais e expandindo-as para atingir objetivos e aspirações que o país definir.

No entanto, esta situação não pode ser interpretada como uma recusa da tecnologia ocidental ou da industrialização, como faz notar Kabou (1992), que a África reconhece os méritos da tecnologia ocidental, quer industrializar-se, mas no quadra de um esquema tecnológico capaz de dar à maioria dos seus habitantes condições de vida melhores, preservando ao mesmo tempo as conquistas.

Mostra que a revolução industrial foi acompanhada por uma revolução intelectual e os fundamentos intelectuais da civilização industrial fornecem nos nossos dias o suporte intelectual necessário à civilização tecnológica. Por outras palavras, a civilização industrial repousa no desenvolvimento da ciência e da técnica, consideradas como instrumentos que permitem ao homem aumentar o seu poder sobre o seu ambiente físico e sobre os seus semelhantes [...], que foram magnificamente bem sucedidos na combinação pesquisa-desenvolvimento-industrialização, mostra suficientemente que o desenvolvimento econômico e social passa por uma revalorização da ciência, pela elevação do conhecimento ao estatuto de fonte do poder e pela organização consciente da aquisição de conhecimentos no quadro da procura de poder (SORONDA. 1993,S.P).

Conforme o Lopes (2005), para todas as teorias universais sobre desenvolvimento, e os levantes causados por guerras e revoluções, a maioria dos países e sociedades evoluiu de maneira orgânica, seguindo sua própria lógica e se formando com recursos e forças próprios.

Carlos Lopes (2005) nos apresenta, por meio de textos escritos entre 2001 e 2003, a necessidade de um amplo debate político na definição da agenda de desenvolvimento e transformação da sociedade para a redução da pobreza no mundo globalizado. A compreensão das sociedades em sua complexidade e aceitação do multiculturalismo é que irão permitir a construção de capacidades para a expansão dos campos de oportunidades dos países em desenvolvimento. O grande desafio ético de hoje é, portanto, tornar as diferenças enriquecedoras e não restringir o processo de globalização à realização de obrigações comerciais, à ideia de que o comércio competitivo seria, simplesmente, a chave para a redução da pobreza inclusive Brasil-África. Ressalta, também, que as políticas devem considerar as diferentes identidades e culturas e ser empregadas como estratégias para o desenvolvimento sustentável. Considerando primordialmente o conceito de desenvolvimento como tem abandonado o seu foco e exclusivo na renda para envolver perspectivas mais holísticas, ao mesmo de desenvolvimento humana, e é proposta pelos economistas. Precisamente, o desenvolvimento dos países saiu do foco a se tão preciso com base no produto interno bruto (PIB), mas passou a ser levado em consideração índices que

agregam indicadores sociais, de bem-estar e de essência de vida, como índice de desenvolvimento humano (IDH), que insere indicadores de saúde - expectativa de vida no nascimento – e educação – anos de escolaridade médio (IPEA, 2014).

Salienta ainda que, na sua revista dada a “*O Diálogo Africano (LOPES, 2015)*”, mostram que os dois lados de atlânticos (Brasil-África) historicamente são questões inegável é tão importante na economia política internacional. Atualmente, em seu renascimento, o continente africano se destaca não apenas por suas grandes reservas de recursos naturais, mas também por altas taxas de crescimento econômico, pela preocupação com um desenvolvimento inclusivo – visto de forma endógena – e pela consolidação de seus processos políticos.

Em suma, é fundamental que o “desenvolvimento das capacidades” representa uma mudança gradual e de longo prazo, com impactos em diversos níveis nesta sociedade que recebe doações e cooperação técnica e que o aprendizado não seja uma imposição técnica ou financeira. Os principais objetivos são: melhorar a habilidade ou a capacidade dos indivíduos, grupos e organizações nos países receptores da cooperação técnica internacional, criar uma auto avaliação de suas capacidades e pensar estrategicamente o seu próprio futuro.

Na realidade, o “desenvolvimento das capacidades” significa um processo pelo qual os indivíduos, as organizações e a sociedade incrementam suas habilidades de identificar e enfrentar desafios de forma sustentável, tendo em vistas objetivos claros a serem alcançados ao longo de um determinado período. Para tanto, são utilizados conjuntamente: os recursos tangíveis (“capacidades concretas”), como os investimentos em infraestrutura e equipamentos existentes e financeiros; os recursos menos tangíveis, como habilidades individuais, rede de informações, saúde da população; e os recursos intangíveis (“capacidades societais”), representados pelos valores, hábitos e formas de coesão social. Esses representam as habilidades e o potencial humano em desempenhar um papel efetivo no desenvolvimento permanente de capacidades. Portanto, o “desenvolvimento de capacidades” envolve tanto as habilidades formais, técnicos organizacionais quanto humanas para atingir uma melhor eficiência na perspectiva moderna de cooperação técnica internacional (LOPES 2005. pg.47-48).

Como disse o economista turco, Dani Rodrik (2008) que uma mudança intelectual vem sendo algo amplamente profissional do desenvolvimento, uma transformação que engloba não só meio de desenvolvimento, mas também saúde, educação e outras políticas sociais. É a partir dali que Lopes e Theisoehn (2006) vão afirmar que, o desenvolvimento de

capacidade é um processo endógeno que ocorre em todas as sociedades nos planos individual, organizacional e social. Pode ser algo que fortalece ou distorcido pela intervenção externa. Em outras palavras,

A aprendizagem é o principal componente do progresso humano, ajuda as pessoas a crescer e a ser capazes de desempenhos cada vez mais sofisticados. Há, no entanto, um limite para o que um indivíduo ou uma organização pode conseguir por meio da aprendizagem informal. Uma sociedade que funciona requer ‘a habilidade das pessoas, das instituições e das sociedades para desempenhar funções, resolver problemas e estabelecer e atingir objetivos. (LOPES, THEISOHN, 2006, p. 22).

Lopes e Theisohn (2006) pensam que, os países só se desenvolvem quando consegue expandir as capacidades das pessoas, o que significa afirmar que o desenvolvimento de capacidade é apenas uma dimensão de um maior e ligado ao esforço dos países para superar suas próprias fraquezas e problemas. E isso foi explicitado na revista Outono, por Lopes da seguinte forma:

As estratégias de desenvolvimento dos últimos cinquenta anos abordaram desenvolvimento como um problema técnico que requer soluções técnicas, tais como melhor planejamento, estruturas macroeconômicas sólidas, melhores termos de compra e políticas de preços, e considerável assistência técnica. Não se dava muita atenção, entretanto, à necessidade de se atingir profundamente a sociedade e de se lidar com as realidades sociais e políticas mais complexas. Hoje se reconhece amplamente que desenvolvimento, como uma transformação da sociedade, requer uma mudança que ofereça aos indivíduos e às sociedades maior controle sobre seus próprios destinos, [...] Anos recentes testemunharam uma mudança na ênfase do discurso do desenvolvimento, que se move em direção a um enfoque em efetividade e em resultados. Crucial para o debate de desenvolvimento é a questão de como o desenvolvimento linear funciona e qual o seu papel para atores nacionais no processo. A perspectiva de desenvolvimento como expansão das capacidades humanas destaca a interdependência de liberdades e seu papel construtivo no desenvolvimento. Capacidades humanas são influenciadas não apenas por oportunidades econômicas, mas também por liberdades políticas, facilidades sociais e condições favoráveis, como boa saúde, educação básica e encorajamento e cultivo de iniciativas (LOPES, 2004, p. 196-199).

E ainda trazendo o SEN (2000), mostra que a ampliação da liberdade como instalação desta transformação. Ele afirma que, “o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente”. Quer dizer,

Nessa perspectiva, a pobreza deve ser vista como privação de capacidades básicas em vez de meramente como baixo nível de renda, que é o critério tradicional de identificação da pobreza. A perspectiva da pobreza como privação de capacidades não envolve nenhuma negação da ideia sensata de que a renda baixa é claramente uma das causas principais da pobreza, pois

a falta de renda pode ser uma razão primordial da privação de capacidades de uma pessoa [...] (p. 120).

Na Introdução, o autor procura identificar o novo papel do desenvolvimento no mundo globalizado. LOPES (2005) que esse fenômeno não é novo; ao contrário, foi até mais intenso em outros períodos do desdobramento do capitalismo, como no final do século XIX com a expansão do grande capital financeiro e do colonialismo europeu. Entretanto, enfatiza um aspecto nesse processo de globalização das últimas décadas: uma forte crise de valores. Por exemplo, aponta a crise da segurança (individual e dos países) e sua relação com a crise da solidariedade. De acordo com a visão unilateral dos doadores e, conveniente aos seus propósitos, o “desenvolvimento das capacidades” representa a “nova base racional” para a cooperação técnica internacional do milênio. Entretanto, é evidente que os doadores utilizam a retórica do “desenvolvimento das capacidades” para justificar novos financiamentos e acordos de cooperação técnica.

Em suma, LOPES (2005) salienta, é fundamental que o “desenvolvimento das capacidades” represente uma mudança gradual e de longo prazo, com impactos em diversos níveis nesta sociedade que recebe doações e cooperação técnica e que o aprendizado não seja uma imposição técnica ou financeira. Os principais objetivos são: melhorar a habilidade ou a capacidade dos indivíduos, grupos e organizações nos países receptores da cooperação técnica internacional, criar um autoavaliação de suas capacidades e pensar estrategicamente o seu próprio futuro. A nova ideia de desenvolvimento deve permear os atuais pressupostos da cooperação técnica internacional. O modelo antigo ignorava as capacidades existentes nos países em desenvolvimento e procurava simplesmente substituí-las por conhecimentos e por sistemas produzidos e implementados em outros locais.

## **PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Minayo (1993) complementa que, para aceitar o trabalho científico supõe a cooperação de numerosos esforços individuais e conquistar o produto do conhecimento à interface das discussões indicam somente que pluralidade de perspectivas permite lançar diferentes focos de luz a respeito do objeto estudado e não que verdade seja o resultado dos pontos de vista dos vários estudiosos. Para Gil (2010), todas as sociedades modernas dispõem de grande quantidade de dados estatísticos referentes às características de seus membros. E isso Significa que, tais dados do nosso trabalho, são geralmente coletados e armazenados para servir aos interesses desse trabalho, de modo geral, a coleta de dados a

partir de elaboração do nosso plano de pesquisa, indica com clareza a natureza dos dados já obtida.

A nossa pesquisa bibliograficamente é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, e a nossa pesquisa é desenvolvida exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. E partes dos estudos exploratórios podem ser definidas como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da nossa técnica de análise a esse conteúdo. A principal vantagem dessa pesquisa bibliográfica se reside no fato que nos permite ter a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderíamos pesquisar diretamente. E isso nos torna particularmente importante quando o problema desta pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Praticamente, toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica; mas baseado em Gil (2010).

Pesquisa documental essas fontes documentais são capazes de proporcionar a nossa pesquisa se tornar em uma pesquisa de quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os nossos dados são obtidos diretamente das pessoas. E em muitos casos o Gil (2010) mostra que, só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos. Portanto, a nossa pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. E vem dizer que, a pesquisa documental tradicionalmente vale-se dos registros cursivos, e também podem ser identificadas pesquisas que se valem dos chamados dados encontrados, que são constituídos não apenas por objetos materiais, mas também por vestígios físicos produzidos por erosão ou acumulação do meio ambiente.

Para Deslandes (2009), o tratamento do material nos conduz a uma busca da lógica peculiar e interna do grupo que estamos analisando, sendo esta a construção fundamental do nosso trabalho. Ou seja, análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. E mostra que o ciclo da pesquisa nunca fecha, pois toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas. Ao analisar e interpretar informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um meio social. Na descrição as opiniões dos informantes são apresentadas da maneira mais fiel possível, como se os dados falassem por

si próprios; na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre partes que foram decompostas e, por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – busca-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado. Feitas essas observações, são apresentadas orientações sobre duas formas metodológicas para realizar a análise e interpretação de dados, que são: Análise de Conteúdo e o Método de Interpretação de Sentidos.

#### **CRONOGRAMA DE TRABALHO**

	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
<b>Participação em discussões de grupo de pesquisa e em aulas</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>Levantamento de materiais, leituras e fichamentos</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>Escrita do pré-projeto</b>	<b>X</b>		
<b>Escrita do projeto</b>		<b>X</b>	
<b>Apresentação do projeto para banca examinadora</b>			<b>X</b>

#### **REFERÊNCIAS**

##### **Fontes Bibliográficas**

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade/* Amartya Sen; tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doninelli Mendes. - São Paula: Companhia das Letras, 2010.

BANCO MUNDIAL; IPEA. *Ponte sobre o Atlântico Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento.* Brasília, 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/120113\\_livropontesobreatlantico\\_por2.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/120113_livropontesobreatlantico_por2.pdf) acessado em: 14 de Mar. 2014.

LOPES, Carlos. *1960-Cooperação e desenvolvimento humano: a agenda emergente para o novo milênio*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LOPES, Carlos. THEISOHN, Thomas. *Desenvolvimento para céticos: como melhorar o desenvolvimento de capacidades/ Carlos Lopes/ Thomas Theisohn; tradução de Magda Lopes.* – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza de (org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SORONDA, Revista Semestral do INEP (*Instituto Nacional de Pesquisa*). Ed, n 15, SAPEC (Swedish agency for search Cooperation with developing countries).C.P.112-Bissau, República da Guiné-Bissau, 1993.

\_\_\_\_\_ *África parceria do Brasil atlântico: relações internacionais do Brasil e da África no início do século XXI / José Flávio Sombra Saraiva.* – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

KI-ZERBO. Joseph. *Para onde vai à África*. CODESRIA, Boletim, N. 3 & 4, 2001, p. 1-74.

\_\_\_\_\_ *Para quando África? Entrevista com René Holesstein / Joseph Ki-Zerbo; tradução Carlos Aboim de Brito.* – Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MOORE. Carlos. *A África que incomoda: sobre a problemática do legado africano no cotidiano brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. *A África e as potências emergentes: nova partilha ou cooperação Sul-Sul? a presença da China, Brasil e China*. Porto Alegre: 2013.

ULLRICH, Regina Ullrich; MARTINS, Bibiana Volkmer; CARRION, Rosinha\_Machado. *A Cooperação Sul-Sul como Estratégia de Política Externa Brasileira: análise dos governos Lula e Dilma*. In: XXXVII Encontro do ANPAD, Rio de Janeiro, 7 a 11 de setembro de 2013. Disponível em:

<[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad\\_2013/06%20-%20ESO/PDF%20ESO%20%20tema%2011/2013\\_EnANPAD\\_ESO911.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2013/06%20-%20ESO/PDF%20ESO%20%20tema%2011/2013_EnANPAD_ESO911.pdf)>

Acessado em 15 jan. 2015

### **Fontes documentais**

LOPES, Carlos, *A África é o continente que mais cresce. Todos os indicadores macroeconômicos estão a favor do continente*. Instituto de Lula. Publica em: 27/04/2015.

Disponível em: <http://www.institutolula.org/por-dentro-da-africa-entrevista-carlos-lopes>.

Acesso em: 29/01/2015.

Por Dentro da África- Por dentro da África- <http://www.pordentrodaafrica.com/negocios/a-africa-e-o-continente-que-mais-cresce-todos-osindicadores-macroeconomicos-estao-a-favor-do-continente-diz-representante-da-onu>. Disponível em: 05/01/2016

LOPES, Carlos, *Para uma Nova Abordagem sobre o Desenvolvimento e a Cooperação Internacional*. N.º 109 - 2.ª Série pp. 175-201. Outono 2004. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1347/1/NeD109\\_CarlosLopes.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1347/1/NeD109_CarlosLopes.pdf)

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO/MRE. Catálogo ABC de cooperação técnica do Brasil para a África – 2010. MRE, 2010.

LOPES, Carlos, Carlos Lopes destaca industrialização africana como prioridade. By Rádio ONU-. Outubro 28, 2016. Disponível em: <http://www.unicentrom.com.br/noticias/radio-onu/carlos-lopes-destaca-industrializacao-africana-como-prioridade>. Acesso em: 09/05/16

LOPES, Carlos. *Os Desafios da África do Século XXI*. Instituto de Lula “Diálogos Africano”-Número1- Publicado em 04/09/2015 15h43min. Disponível em: <http://spbancarios.com.br/09/2015/instituto-lula-lanca-caderno-dialogos-africanos>. Acesso em: 04/09/16.

Lopes, Carlos. Preside Comissão Económica das ONU para África. ASemana. Publicado em: 28 Março de 2012. Disponível em: <http://www.asemana.publ.cv/?Carlos-Lopes-preside-Comissao-Economica-das-ONU-para-Africa>.

Carlos Lopes, nota biográfica. PROÁFRICA. Publicado em: 25 Fevereiro, 2016 00h00min. Disponível em: <http://pro-africa.org/carlos-lopes-nota-biografica/>

Carlos Lopes. Unir nações, desenvolver África. CEO – Lusófono. Decisores da Lusofonia em Dialogo para Ação. Publicado em: Agosto 25, 2014 at 02h02min PM. Disponível em: <http://ceolusofono.com/2014/08/25/perfil-carlos-lopes-unir-nacoes-desenvolver-africa/>.